

Arquivos biográficos de Zeca Vaccariano: de assaltante do trem pagador à delegado de polícia

Ernoi Luiz Matielo

Mestre em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS)
Campus Chapecó
ernoy4@hotmail.com

Humberto José da Rocha

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS)
Campus Chapecó
humberto.rocha@uffs.edu.br

Resumo

Este artigo faz inferências à marca indelével deixada por José Antonio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, na história da primeira metade do século XX, como executor do assalto ao grupo de pagadores da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, ocorrido em 24 de outubro de 1909, no interior do estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Tendo como foco a figura deste personagem histórico, se estabelece como marco temporal aproximado o período entre 1893 e 1930 por corresponder biograficamente com o protagonista e historicamente com um processo de modernização e conflito na região do oeste catarinense. Metodologicamente o trabalho se apoia em pesquisa bibliográfica, documental a partir de registros oficiais e história oral utilizando como balizção a perspectiva teórica do Banditismo Social. Deste modo, o objetivo é discutir a atuação de José Antonio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, considerando o uso estratégico da violência e suas estreitas relações com o coronelismo no Contestado e região da Fronteira Sul-Brasileira. Inspira a reflexão sobre a linha paradoxal do personagem, que vai do banditismo e o protagonismo do cargo de delegado de polícia.

Palavras-chave: Banditismo Social. Contestado. Coronelismo. Fronteira Sul-Brasileira. Zeca Vaccariano.

Resumen

Este artículo hace inferencias a la huella imborrable dejada por José Antonio de Oliveira, Zeca Vaccariano, en la historia de la primera mitad del siglo XX, como ejecutor del asalto al grupo de pagadores del Ferrocarril São Paulo – Rio Grande, que tuvo lugar el 24 de octubre de 1909, en el interior del estado de Santa Catarina, sur de Brasil. Centrándonos en la figura de este personaje histórico, se establece como marco temporal aproximado el período comprendido entre 1893 y 1930, ya que se corresponde biográficamente con el protagonista e históricamente con un proceso de modernización y conflicto en la región occidental de Santa Catarina. Metodológicamente, el trabajo se basa en una investigación bibliográfica y documental basada en registros oficiales e historia oral, utilizando como guía la perspectiva teórica del Bandolerismo Social. De esta manera, el objetivo es discutir la actuación de José Antonio de Oliveira, Zeca Vaccariano, considerando el uso estratégico de la violencia y sus estrechas relaciones con el coronelismo en Contestado y la región Frontera Sur-Brasileña. Inspira la reflexión sobre la línea paradójica del personaje, que va desde el bandolerismo hasta el rol de jefe de policía.

Palabras-clave: Bandelerismo Social. Contestado. Coronelismo. Fronteira Sur-Brasile. Zeca Vaccariano.

Introdução/Justificativa

A construção de uma ferrovia monumental e a história de um saque recorde, integram-se à um conjunto de atributos, dos quais somam forças junto ao extermínio de caboclos, marcando os principais acontecimentos da primeira metade do Século XX na Região do Contestado, Sul do Brasil.

De um instante para o outro, o trem rompe o silêncio das matas em desalento à rotina singela do morador dos Sertões. É nesta ambiência, que se manifesta a presença icônica de um empreiteiro ferroviário, ex-combatente da Revolução Federalista: José Antonio de Oliveira, o Zeca Vaccariano. No domingo 24 de outubro de 1909, no então município catarinense de Campos Novos, SC, onde mais tarde se originaria o município de Pinheiro Preto, SC, Zeca Vaccariano entra para a história como executor do primeiro assalto à um trem pagador, dos quais se tem referências na historiografia Sul-Brasileira.

O conjunto de conceitos do Banditismo Social, amplamente ancorado em pilares da História dos Movimentos e das Relações Sociais, evocado pela forma de ascensão social e econômica, nas quais os sujeitos constituem, se relacionam e atuam na construção da ordem social, abre este debate. Ao lançarmos hipóteses sobre os processos migratórios para as regiões de fronteiras, suas relações interétnicas e econômicas, empreendemos um construto contextual versado pela produção dos discursos no campo político, o qual nos credencia para o presente trabalho. O recorte de realidade espacial e temporal, referenciado por aproximações historiográficas por meio da micro-história, história documental e história oral, é o promotor da estruturação do problema da presente pesquisa, baseando-se no Banditismo Social e o uso da violência no processo de desenvolvimento da região do Contestado e de Fronteiras Sul-Brasileiras sob a perspectiva de Zeca Vaccariano, na compreensão do modelo de Banditismo Social praticado pelo personagem Zeca Vaccariano, o surgimento da atividade balseira no rio Uruguai, o processo colonizatório e a forte presença do coronelismo na região.

Este pano de fundo empírico, é analisado por meio das ideias de autores como Peter Singelmann (1981), em *Structures of Domination and Peasant Movements in Latin America*, sendo nesta ambiência que o Banditismo Social apresenta-se como uma temática recorrente

nas sociedades com forte presença rural, sobretudo na América Latina. Concomitante, trazemos a contribuição de Anton Blok (1972), o qual observa tal banditismo por diversos momentos como “anti-social”, dado que os camponeses foram muitas vezes vítimas dos bandidos, interessando-se antes em atender a seus vínculos com os poderosos locais, do que com os camponeses. O autor atenta para as limitações do Banditismo Social no desenvolvimento de formas coletivas de protesto em virtude das possibilidades abertas às trajetórias individuais. Na compreensão de tal contexto, faz-se necessário entender Zeca Vaccariano na condição de sujeito, o que convencionou uma compreensão na dimensão humana, do ser de carne e osso, o que culmina com uma leitura por meio de oitavas da história oral, seguindo os conceitos de Verena Alberti (2004).

Remanescente da Revolução Federalista, à exemplo de vários outros, o personagem central desta história entra em cena depois de 1896. É assim que José Antonio de Oliveira, o qual ganha fama como Zeca Vaccariano, por ser natural da região de Vacaria-RS, é apresentado pelo autor Nilson Thomé, na obra *O Assalto ao Trem Pagador*, ao anunciar a presença do ex-combatente da guerra federalista na Região do Contestado, às margens do rio do Peixe (THOMÉ, 2009). Referenciado pela autora Alzira Scapin, na obra *Videira nos Caminhos de sua História* (1996), citado também por Thomé (2009), embora boa parte da vida pregressa de Zeca Vaccariano permaneça oculta até a atualidade, este homem é aceito como um antigo morador do município de Videira, SC. Narra a autora, que naquele local, a moradia rústica de José Antonio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, se destacava entre a paisagem. Relata, que nas proximidades, em meio à mata nativa, composta por pinheirais e árvores muito antigas, haviam pequenos ranchos, onde moravam caboclos extratores de erva-mate (SCAPIN, 1996). Conhecido líder de um grupo de empreiteiros, os chamados tarefeiros os quais contratavam trechos de roçada às margens do rio do Peixe, local que mais tarde receberia os trilhos da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande – (EFSPRS), Zeca Vaccariano pactuou um trecho de abertura de picadas entre a região de Taquaral Liso (atual interior do município de Calmon-SC) e as imediações do que seria mais tarde a vila de Herval, no interior de Campos Novos (atual cidade de Herval d'Oeste - SC) (THOMÉ, 2009). Entretanto, no acerto de contas, o engenheiro Ernesto Kaiser, teria se desentendido com Vaccariano quanto aos valores a receber. Os recorrentes os atrasos nos pagamentos dos operários e casos de corrupção geravam revolta na região (THOMÉ, 2009). Para colocar fim

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

ao impasse, Zeca Vaccariano arquiteta um plano que resultaria em mortes. Segundo Thomé (2009), Zeca era homem de confiança da Companhia e tinha acesso a informações privilegiadas. Sabia ele que o dinheiro para o pagamento das empreiteiras era trazido até Rio das Pedras por trem, pelo trem pagador. Com a ferrovia ainda em construção, os trilhos findavam um pouco antes de um túnel. A comitiva precisou desembarcar com o dinheiro, momento em que o bando de Vaccariano executa a ação. Zeca e um grupo de comparsas fizeram a emboscada realizando o saque recorde de 375:300\$000 (trezentos e setenta e cinco contos e trezentos réis), valor que no período representava 15% da arrecadação anual do tesouro estadual (THOMÉ, 2009). Dois seguranças que acompanhavam a comitiva morreram durante o tiroteio e um terceiro ficou ferido. Zeca e o bando fugiram levando o dinheiro. No interior da atual cidade de Pinheiro Preto - SC, uma cruz erguida às margens da ferrovia faz homenagem aos seguranças Menerio Bernardo e Guilherme Bernardo, mortos na emboscada (THOMÉ, 2009).

Durante as investigações, o processo crime nº 1521 de 1918, instaurado em Campos Novos, SC, indicou que 27 pessoas teriam participado do assalto. De todo o grupo, mesmo com toda a força regimental de segurança, apenas João Mariano foi capturado. Mas tanto ele quanto Zeca Vaccariano, saíram impunes após serem absolvidos pela justiça. O personagem integraria em seguida o grupo de comando de uma revolta armada, que tentaria criar o Estado das Missões. Mas com o insucesso do movimento, Vaccariano se estabelece às margens do rio Uruguai, no Extremo Oeste de Santa Catarina, onde torna-se líder balseiro e por influência das relações, torna-se delegado de polícia, em uma virada de chave inimaginável, assume o posto de delegado de polícia (MATIELO, 2023; THOMÉ, 2009).

O problema do presente trabalho se estrutura no recorte de realidade espacial e temporal referenciado pelo gênero pelo gênero historiográfico da **micro-história**, em uma análise sugerida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, a qual trará procedimentos reais detalhados, que contribuirão para uma compreensão geral dos fatos (REVEL, 1998; VAINFAS, 2002). Evidenciaremos a **história documental**, como noção de prova a partir do fundamento do fato histórico, conforme instrui Jacques Le Goff (1994), em uma análise que permitirá elucidar fatos contidos em instrumentos como o *Translado de Apelação Crime de João Mariano*, além de acervo jornalístico do período, à rigor tratado pelo prisma do **jornalismo comparado** sob a ótica de Pereira (2016), tendo ainda o direcionamento da

história oral com base na teoria de Alberti (2004), que sugere as memórias individuais, como limites de enquadramento, basear-nos-emos no Banditismo Social e o uso da violência no processo de desenvolvimento da região do Contestado e de Fronteiras Sul-Brasileiras. Neste contexto, busca-se a compreensão deste processo histórico discutindo a relação entre o modelo de Banditismo Social desempenhado pelo personagem Zeca Vaccariano e o Coronelismo vigente na região. Assim, afigure-se os atributos de justiceiro, de homem à margem da lei, que hipoteticamente, por ousadia do destino ou influência política, agiu impunemente por conta própria ou à mando de outrem, ascendendo ao posto de oficial da lei em tempos que marcaram o período histórico do Vale do Rio do Peixe e Extremo Oeste catarinense, entre 1897 e 1930.

As insurreições sociais e as lutas originárias do acesso e exploração da terra são o pano de fundo da construção organizacional social que formam o compilado argumentativo para inferirmos os propósitos de estudos centrados em conceitos inaugurados por Eric Hobsbawm. O autor nos oferece a categorização do Banditismo Social observando a evolução dos movimentos de resistência social que se fizeram crescentes no decurso dos últimos dois séculos. Diante de tais condições objetivas, a fenomenologia do Banditismo Social tem o atributo de surgir ao longo da história nos mais distintos espaços geográficos do mundo, o que conecta o episódio do Assalto ao Trem Pagador de 1909 como um acontecimento integrado à um modelo de ideário social o qual não se restringe ao isolamento de seu tempo e espaço. Como objeto de estudo deste trabalho, procura-se compreender o contexto de ambiência do Banditismo Social e o uso da violência no processo de colonização da região do Contestado e de Fronteiras Sul-Brasileiras sob a perspectiva de Zeca Vaccariano.

O acolhimento do tema parte do pressuposto de que a biografia de Zeca Vaccariano e sua emblemática jornada ao longo da existência, apresenta profunda relação e representação com os acontecimentos que marcaram as primeiras décadas do último século, na constituição do identitário cultural e relações sociais, realçado pelo conjunto de atributos da etnia regional, na universalização de saberes capazes de inspirar a reflexão em determinado grupo social. Este entendimento serve-nos como livre inspiração para o debate acadêmico de um tema, que por mais instigante que se apresente na sucessão de fatos que antecedem a Guerra do Contestado e os aspectos que envolvem a colonização do interior catarinense, aos olhos de estudiosos, a saga do ex-combatente, permanece praticamente encoberta pela ação do tempo,

sendo secundarizado pela história oficial. A escolha pelo tema, leva em consideração valores sociais e a vivência do autor, o qual há diversas décadas tem atuado como cineasta e produtor de conteúdo em projetos etnográficos que imortalizam a memória regional, frente ao desafio de resgate e socialização de temas da mais profunda relevância antropológica e de conservação folclórica e étnica do manancial histórico, o qual já tematizou a saga de Zeca Vaccariano em 2013 no docudrama *Primeiro Assalto ao Trem Pagador*.

Do ponto de vista acadêmico, ao nos referirmos aos pressupostos teórico-metodológicos, Eric Hobsbawm, recorre a uma percepção teórica crítica baseada no materialismo histórico e dialético, o que significa dizer que não há na sua narrativa uma mera exposição sucessiva de fatos, mas um esforço em busca de sentido do processo histórico por meio de uma análise que busca sempre interpor o tema principal, ou seja: o Banditismo Social, fundamentada na textualização histórica, voltada para as sociedades camponesas pré-capitalistas e suas interfaces econômicas e políticas. Há, portanto, uma busca de sentido da história, na qual o historiador trata de compreender o passado por meio de suas contradições ao invés de construir uma mera textualização de reportagem.

Objetivo

Em vista do exposto, o objetivo deste trabalho analisa e versa sobre a trajetória de Zeca Vaccariano, traçando um perfil do personagem apoiado no conceito de Banditismo Social, bem como a influência do sujeito nas ações que integram a estreita relação com o coronelismo e atos de cultivo à violência.

Metodologia

Para a realização do presente estudo, nos valem da metodologia da micro-história mediante pesquisas nos arquivos do Museu do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, documentos da Casa da Cultura e Campos Novos (SC), e periódicos da época. A História-Oral auxilia para melhor analisarmos e compreendermos a figura de José Antônio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, como bandido social.

Esta arguição introdutória nos inspiram o livre pensamento imagético e semiológico sobre a profundidade da figura de Vaccariano, no complexo constructo que conduz a teorização de um personagem paradoxalmente contraditório.

Resultados

Natural de uma região localizada entre Passo Fundo, RS e Vacaria, RS, José Antônio de Oliveira nasceu em 13 de janeiro de 1865, no Planalto Médio do Rio Grande do Sul. Filho do de Cypriano Antônio de Oliveira, e de Antônia Maria de Oliveira. (OLIVEIRA BRITO, 2016). Remanescente da Revolução Federalista, à exemplo de vários outros, José Antônio de Oliveira, o qual ganha fama como Zeca Vaccariano, o personagem nos é apresentado por Thomé (2009), ao anunciar a presença do ex-combatente da guerra civil na Região do Contestado, às margens do rio do Peixe. Segundo Scapin (2012), a primeira referência do personagem é de 1896, quando Zeca se estabelece com uma grande bodega na divisa da Fazenda Rio das Pedras (atual centro de Videira-SC), que servia como ponto de parada de tropeiros vindos da região dos Campos de Palmas, PR e Guarapuava, PR. Como comerciante passou a fornecer alimentação para os trabalhadores, se mudando mais tarde para as proximidades do Ribeirão da Cruz. Zeca, teria se casado com a filha de um fazendeiro da família Teles de Alcântara, donos de uma fazenda da localidade a partir de 1875 (SCAPIN, 2012).

Pelos apontamentos de Thomé (2009), Vaccariano seguira os passos de seu então comandante revolucionário, o Capitão Manoel Fabrício Vieira, após ter sido soldado do Exército de Linha, junto das tropas pica-paus. Nos anos finais do Século XIX, Zeca Vaccariano e um grupo de ex-combatentes apossam-se de uma quantia de terra da Fazenda Rio das Pedras, o que seria uma antiga sesmaria pertencente à família Pontes, que até onde se sabe, apresentava laços de parentesco e amizade com a família Vieira. Naquele local, ergueu morada temporária e em seguida abriu um armazém com o objetivo de atender aos trabalhadores da construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (EFSPRG). Ao que tudo indica a ocupação teria sido de maneira pacífica e consentida, já que não há registros de animosidades ou exasperações sobre o ato (THOMÉ, 2009).

Forjado às agruras do tempo e do espaço na devida dimensão humana integrada aos rigores do período no devido recorte temporal, o personagem se revelaria uma figura mítica

dos Sertões catarinenses, que ao mesmo tempo em que se apresenta dotado de uma bravura indômita, integra-se ao cotidiano social, protegido por uma rede de relações integradas à política e ao coronelismo do período (MATIELO, 2013). A legitimação da violência na região Meridional é apresentada por Rocha (2020b) o qual pontua que o cotidiano do Oeste de Santa Catarina daquele período, esteve marcado pela violência cotidiana, a qual poderia ser observada como algo necessário, sendo o uso de armas necessário e prestigioso. Com a violência institucionalizada a qualquer momento transformar um homem pacífico, ligado à família, poderia se tornar um criminoso (ROCHA, 2020b p.7; MARQUETTI, 2019, p. 238-249). É nesta conjuntura, que o ex-combatente José Antônio de Oliveira, conhecido líder de um grupo de tarefeiros das obras da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, chancelaria a história como um personagem o qual, dada repercussão dos feitos marginais, pode ser considerado o bandido de maior evidência do início do século passado e de todos os tempos nas Fronteiras Sul-Brasileiras (PRIMEIRO, 2012-2013). O vocábulo “bandido” origina-se no latim (*bannitus*); o que no conceito italiano, *bandito* refere-se ao homem banido, o que independentemente a razão, é posto como um fora da lei. Os conflitos civis surgidos na Catalunha nos séculos XV e XVII trazem como marco o surgimento do termo “bandolero” o qual faz inferência às ações bandidas as quais mais tarde concorreriam para o “banditismo” (GONZÁLEZ, 2009, p. 2; HOBBSAWM, 2017, p. 26; ROCHA, 2020, p. 1). Rocha (2020), infere que na literatura emprega-se os termos bandido e bandoleiro sem que haja a devida distinção entre ações individuais ou grupais, o que sugere que o critério de escolha é notado como uma influência baseada na orientação cultural, que segundo Gonzáles (2009), estariam ligadas a linhas espanhola, portuguesa e inglesa. Ao analisar entendimentos expressos por Paul Saint Cassia (2001, p. 373), observa-se que o autor evidencia que os conceitos e as características do banditismo são inerentes à abordagem, possibilitando o exemplo de que um caso assuma uma conotação legal, social ou mítica. Na mesma linha, Rocha (2020b), destaca a perspectiva comparativa como metodologia de análise para o banditismo constitui-se de um importante instrumento na detecção de importantes variáveis as quais tendem a aparecer, como é a questão do nível de controle estatal diante o monopólio da violência, o sistema de distribuição e legitimação da propriedade, o nível de desenvolvimento da sociedade civil, a natureza dos processos políticos, as formas de acumulação do capital, a relação entre as elites

e o Estado e a condição insegurança e miséria nas sociedades em que os casos são objeto de estudo (SAINT CASSIA, 2001, p. 374; ROCHA, 2020b, p. 2).

Mesmo influenciada pela abordagem disciplinar, refletindo ainda a ambientação do caso, Rocha (2020b) pontua que Pedro Jaén González (2009, p. 3-4) infere uma vasta possibilidade de categorizações distinguindo “ladrões famosos”, “valentões”, “banditismo de natureza religiosa”, “contrabandistas”, “bandido guerrilheiro”, “assaltante de estradas”, “banditismo chantagista” (especialmente por meio do sequestro) e “banditismo político” como os perfis mais recorrentes. Tais diferenciações, na visão de Rocha (2020b), são altamente relevantes não apenas para diferenciar o banditismo em si, mas para a partir das variáveis apresentadas por Saint Cassia (2001), notabilizar tanto os aspectos de natureza do banditismo quanto o pano de fundo da sua ação, o qual manifesta-se como um indicativo da dinâmica da sociedade em que ambienta-se os acontecimentos em estudo.

Como contributo para a questão a qual trazemos à baila, observa-se o contexto ambiental e social no qual insere-se a Região do Contestado, sobretudo o Vale do Rio do Peixe, no período que tem como epicentro a construção da EFSPRS, em que a escalada da violência, conforme já inferida no capítulo anterior, atinge os mais elevados níveis. Nesta construção, faz-se necessário discorrermos sobre os conceitos que envolvem duas categorias específicas do banditismo as quais contribuem para o entendimento dos acontecimentos que envolvem o assalto ao trem pagador, principal ação criminosa do início do século passado na Região de Fronteiras Sul-Brasileiras e elemento fundamental deste trabalho. Para alcançarmos tais desígnios, passamos a considerar o “banditismo político”, já que as intercorrências fundamentais envolvendo a existência de José Antônio de Oliveira, personagem principal deste estudo, apresentam-se com maior relevância a partir deste olhar, o qual com base em Rocha (2020b, p. 9), para uma categorização minuciosa, é necessário conjugar os elementos os quais são inerentes ao conceito de “coronelismo”, composição predominante no referido período a qual torna-se elementar para uma genealogia do banditismo social. Retomando o que já foi apresentado nesta obra, o coronelismo pode ser conceituado a partir de Vitor Nunes Leal (1975, p. 20), como uma “forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa”. A partir dessa coexistência, Rocha (2020b) aproxima-se de Leal (1975) ao concordar que tais vínculos

geram “um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras” (LEAL, 1975, p. 20).

Autores como Anton Blok (1972) e Paul Saint Cassia (2001) inferem que o surgimento do banditismo político remete à costa do mediterrâneo, mais especialmente à Itália do século XVIII, onde o “*brigantaggio politico*”, ou seja: o “banditismo político”, representava a categoria de bandidos sociais operando aliada a discursos políticos regionalistas e nacionalistas. Para ampliar tal entendimento, Rocha (2020b) evoca Blok (1972) para lembrar que o autor usa categoria para criar um contraponto ao conceito de Hobsbawm (1970, 2015, 2017), que conecta bandidos sociais aos desejos camponeses de resistência e subversão. Nesta linha construtiva, Rocha (2020b) considera fundamental compreender a afirmativa de Blok (1972), que reitera a impossibilidade de compreender o banditismo sem submetê-lo à uma análise a partir da rede de grupos e classes, uma vez que, para atuarem, bandidos conjugavam diferentes tipos de forças protecionistas que alternavam-se entre apoio de parentes e camponeses até a proteção de políticos e autoridades constituídas. Para o autor, tal detalhe relativizaria a categoria revolucionária do bandido, uma vez que ao se aliar com o *status quo*, inclinar-se-ia politicamente para a ala conservadora, enquanto que ao se juntar a grupos contestadores, estaria mais afeito ao universo revolucionário (ROCHA, 2020b, p. 10; BLOK, 1972, p. 498-500).

Isto é o foco central da linha argumentativa a qual configura o perfil de Zeca Vaccariano na definição e categorização de sua identidade bandida. Entretanto, ao referir-se ao Sul do Brasil, Loiva Otero Félix (1996) reitera uma sensível diferença entre o modelo geral do coronelismo que marcou a política brasileira e o conceito de caudilhismo na condição de uma especificidade Sul-Brasileira. Para a autora, o perfil carismático no exercício militar de liderança e a condição de transitoriedade no caudilho, se contrapõem à fase de função política e do estilo mais permanente da ação coronelista (FÉLIX, 1996, p. 35) sinalizando a tênue diferenciação entre os referidos contextos. Como contributo, Rocha (2020b) pontua que no campo político as diferenças conceituais consistiam na condição de que os federalistas (maragatos) manifestavam descontentamento com a ascensão de Floriano Peixoto, o que convertia-se em força de apoio deste a Júlio de Castilhos na condição presidente da Província gaúcha. A instigação entre os blocos levou à Revolução Federalista (1893-1897), o que torna-

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFGS
ISSN 2675-0635

se conjuntura fundamental na observância que tal contexto estende-se muito além do conteúdo político, uma vez que a dinâmica dos acontecimentos combinando guerra e política, convergiram para atos de violência que atingiram a totalidade do Sul do Brasil, fazendo aflorar a cultura violenta peculiar da formação fronteiriça e militar sulina, notabilizando de ambos os lados a barbárie instituída pela prática da degola (ROCHA, 2020b, p. 10; PESAVENTO, 1983, p. 89). A revolta armada estendeu-se para os outros dois estados da região Sul do país, contexto já tratado no capítulo anterior em que os rumos da revolução conduziram para a região do Contestado, no interior catarinense, diversos revolucionários, que com o fim dos combates acabaram se integrando aos moradores locais, produzindo interações sociais, impondo suas condutas e modelos de ação amalgamado pelo ideário trazido dos fronts revolucionários (MACHADO, 2004; MEIRINHO, 2009; SÊGA, 2008; PRIORI et al., 2012).

A partir da conjectura lançada por Rocha (2020b), é possível observar que muito provavelmente a Revolução Federalista e o conjunto de códigos de honra e significados particulares de tal ambiência e período possam produzir respostas sobre a origem do ímpeto de banditismo incorporado por Zeca Vaccariano. De toda a sorte, a dinâmica das Fronteiras Sul-Brasileiras, principalmente pela lógica do litígio territorial, pode ser vislumbrada como uma das probabilidades para que cenário concorresse para a expansão do ímpeto de indômito fora-da-lei. O autor considera que encerrada a Revolução Federalista em 1895, os resquícios da reconfiguração das forças políticas, no contrabalancear de ganhos e perdas, seguiram incidindo seus reflexos na cultura da violência inerente ao Brasil meridional. Ainda evidencia Rocha (2020b), que a afinidade entre a guerra e a política se estabelece na lei da reciprocidade entre a violência para atingir o poder político e o referido poder político para normatizar a violência em favor de determinado grupo.

Nesta condição, o “banditismo político” pode ser entendido como uma variável daquilo que se conceitua amplamente como “banditismo social”, uma vez que não seja possível separar do mesmo os componentes da violência e o uso do bélico. Nos preceitos do literário, tal categoria se estabelece a partir da estruturação do “mandonismo” e “filhotismo”, as quais são inerentes ao coronelismo dos séculos XIX e XX, que na região Meridional é acrescida pelo caudilhismo. Este modelo, além de catalisar a natureza “semiprivada” das relações sociais, evidencia o caráter belicoso dos homens de guerra e fronteira sulina

(ROCHA, 2020b, p. 11). Possivelmente seja neste contexto histórico que Zeca Vaccariano protagonizaria o banditismo social, mantendo a gene de pertencimento ao universo da valentia indômita a qual não tardaria para se revelar. Conforme vem se configurando ao longo da construção deste trabalho, observa-se a interface de preceitos os quais conjugam forças entre o mandonismo, a parentela e o compadrio, os quais integram-se ainda ao banditismo social, sobretudo ao seu aspecto político, na intenção de estabelecer ao personagem Zeca Vaccariano as condições fundamentais para a atuação em múltiplas frentes ao comando do coronelismo e da própria política.

Por conseguinte, Rocha (2020b) discute os conceitos que traduzem o banditismo social como condição de adaptação. Para dar vazão ao pensamento o autor aponta-se em Singelmann (1975), no qual percebe-se que a violência das disputas políticas da época tinha no homem dos Sertões, seus agentes operacionais, sendo que homens sociáveis e pacíficos poderiam ser elevados ao banditismo na legítima defesa de sua parentela, sob preceitos os quais consideravam justos e dignos. Por outro lado, a significância da parentela era ultrapassada sob a perspectiva de posturas e ações tomadas de acordo com o aspecto da conveniência de maneira utilitarista, na lógica pela qual o autor percebe os sertanejos como “homens que se defendiam existencialmente da melhor maneira possível sob circunstâncias anárquicas” (SINGELMANN, 1975, p. 83).

Nas Regiões Sul-Brasileiras, Rocha (2020b) afirma que o banditismo pode ser notado como um dos catalizadores de um processo de transformação social na virada dos séculos XIX para XX. Fenomenologicamente, a cadeia de acontecimentos, segundo o autor, direciona-se ainda ao meio do século XIX com o advento da Lei de Terras (1850), o que com a Proclamação da República (1889), agilizou modernização e a industrialização no final do século. A delimitação do espaço privado e o avanço de obras monumentais, as quais convergiram para a geração de tensão entre as classes economicamente inferiores a partir da confluência de elementos culturais da violência cotidiana, a rusticidade da vida e os aspectos religiosos. A reconfiguração de espaços a partir da definição de limites entre países e estados, acrescido ao mandonismo local, culminaram para que os aspectos econômicos insurgidos com a colonização das terras, a extração da erva-mate e da madeira, e as obras estruturais de grande porte, fizessem das Fronteiras Sul-Brasileiras, um ambiente convulsionante (ROCHA, 2020b, p. 11). Para Rocha (2020b), o conjunto de elementos culturais, políticos e econômicos

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

podem ser integrados a partir das ações de colonização e a Guerra do Contestado (1912-1916), que incidiram na constituição histórica do Sul do Brasil, especialmente no interior catarinense. Neste quesito, mesmo distante dos atributos que personificam o banditismo social na perspectiva de “adaptação”, a saga de Zeca Vaccariano nas Fronteiras Sul-Brasileiras está, em certo grau, alicerçada no ambiente da expropriação. Rocha sugere a partir de Monteiro (1974), a convergência de “uma violência costumeira para uma violência inovadora”, na qual a transformação política manifesta-se nas relações de compadrio e as alternativas de subsistência baseada na organização e luta de uma comunidade diante de uma crise global. Nesta construção, Paulo Pinheiro Machado (2004) suprime conceitos como milenarismo, misticismo e a religião, para evidenciar o eixo construtivista da paralela na qual o sertanejo toma consciência de classe e passa a integrar a luta a partir da perspectiva da diferenciação entre pobres e ricos (MACHADO, 2004, p. 26).

As definições de Vaccariano nesta perspectiva também obedeciam uma lógica que à conduzia para a priorização em atuar para um dos lados e a conveniência o atraia para a concentração dos poderosos, atrelado aos coronéis e políticos locais, como amplamente versado ao longo deste trabalho. Distante dos falsos ares de justiceiro vingador, é possível afirmar que embora pudesse sentir as agruras inerentes aos processos de transformação social e econômica, José Antônio de Oliveira havia superado a condição de ervateiro, profissão que segundo Gaertner (1974), lhe assegurou ganhos econômicos em um primeiro momento no Contestado, para associar-se ao poder de coronéis (PRIMEIRO 2012-2013; THOMÉ, 2009).

Cercado do conjunto de elementos naturais e inerentes ao banditismo, a ambiência de conflito e o cenário convulsivo tornaram-se o reagente para a solidificação da violência, que se juntaria a outros revoltosos. Conforme já discorremos no terceiro item do capítulo anterior, a partir de Espig (2008), observa-se que o descontentamento de tarefeiros diante do modelo de atuação da Companhia elevaria a violência a patamares inéditos. O caso envolvendo o empreiteiro Saldanha e o engenheiro norteamericano Ryant, em que o pagamento de operários aconteceu mediante grave ameaça, se junta a linha de acontecimentos notabilizados por greves e incertezas no recebimento de proventos entre os turmeiros da Linha Sul da EFSPRS. Não obstante ao que seria um modelo operacional da Companhia, Zeca Vaccariano estaria prestes à integrar a lista de inconformados com as práticas empresarias da *Brazil Railway Company (BRC)*.

Como tarefeiro, Vaccariano pactuou um trecho de abertura de picadas entre a região de Taquaral Liso, atual interior do município de Calmon-SC e as imediações do que seria mais tarde a vila de Herval, no interior de Campos Novos, atual cidade de Herval d'Oeste. Entretanto, no acerto de contas, o engenheiro Ernesto Kaiser se desentendeu com Vaccariano quanto aos valores a receber. Na tentativa de colocar fim ao impasse, Zeca arquiteta um plano que acabaria com várias mortes. Para Thomé (2009), Zeca era homem de confiança da Companhia e tinha acesso a informações privilegiadas. Sabia ele que o dinheiro para o pagamento das empreiteiras era trazido até Rio das Pedras por trem, pelo trem pagador. Com a ferrovia ainda em construção, os trilhos findavam um pouco antes de um túnel. A comitiva precisava desembarcar com o dinheiro, momento em que o bando de Vaccariano executaria a ação que entraria para a história como o primeiro assalto à um trem pagador (THOMÉ, 2009).

Era domingo, 24 de outubro de 1909, quando por volta das nove horas da manhã o aparelho de telégrafo que ficava no escritório central da construção da Companhia da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, localizado ao lado da Estação de Calmon, recebeu uma mensagem em regime de urgência do escritório que ficava na 2ª Residência da 7ª Divisão de Obras da Linha Sul. Por meio de código Morse, Pedro de Castro, chefe da residência baseada no quilômetro 150, comunicava ao engenheiro Achilles Stengel que instantes mais cedo um grupo armado realizara disparos com armas de fogo contra a comitiva pagadora da EFSPRS deixando dois mortos. Dois operários da ferrovia que passavam pelo local presenciaram ao tiroteio ocorrido no leito ferroviário. Surpreendido pelo informe inesperado, Achilles Stengel reagiu solicitando o detalhamento das informações uma vez que na comitiva encontrava-se Ernesto Kaiser, um amigo pessoal do engenheiro chefe, que atuava como desenhista, integrando a equipe de engenharia o qual havia estado pessoalmente com Stengel na noite a qual antecedeu os fatos quando do retorno da jornada de inspeções (MATIELO, 2023).

Para aumentar o suspense, o telégrafo emudeceu e Achilles ficou sem contato até o final do dia, momento em que sobreviventes chegaram na 2ª Residência e a linha telegráfica foi reestabelecida, garantiu nova comunicação. A informação dava conta de que um dos empreiteiros da EFSPRS, conhecido como José Antônio de Oliveira, codinome Zeca Vaccariano, na companhia de um numeroso grupo armado, havia atacado violentamente a comitiva que transportava valores para a 2ª Residência, destinado ao pagamento de tarefeiros, assaltando o emissário Henrique Baroni, tesoureiro da *Brazil Railway Company* e o

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

engenheiro Ernesto Kaiser, tendo sido assassinados dois dos seguranças, Menério Bernardo e Guilherme Bernardo, os quais eram irmãos. O grupo ainda teria ferido gravemente um terceiro segurança, Lino Ferreira, que mesmo machucado, conseguiu fugir (MATIELO, 2023).

A ocorrência, segundo Thomé (2009), aconteceu nas proximidades de um riacho que mais tarde recebeu o nome de Ribeirão da Cruz, no marco do quilômetro 152, que tempos depois foi designado como o quilômetro 208 da estrada férrea (THOMÉ, 2009). Na imprensa do Paraná, jornais do período detalharam o acontecimento a partir de relatos testemunhais que afirmaram que da 2ª Residência ao arranchamento de Vaccariano, o qual ficava no Km 152, o percurso era feito à cavalo, desviando do leito ferroviário, fazendo uma curva longa e em seguida atravessando uma ponte de 30 metros, construída sobre um riacho que antecedia a casa em que morava o tarefeiro (MATIELO, 2023).

Segundo relatado, o rancho era bastante espaçoso, tendo na esquina um balcão para negócios. Adiantando-se dos guardas da Companhia que conduziam o dinheiro em um cargueiro, Baroni e Kaiser seguiram caminho e quando passavam em frente a porta da casa de Vaccariano, foram surpreendidos pelo tarefeiro que saltou do balcão chamando o pagador. Baroni e Kaiser pararam, quando observou-se as casas desertas. Vaccariano foi insistente, pedindo para que eles entrassem e em seguida perguntou a Baroni se ele portava dinheiro. Ouvindo a negativa do pagador, que negou-se a entrar na casa e seguiu caminho atrás do cargueiro que à essa altura havia passado à frente, transportando o dinheiro. Vaccariano seguiu insistente, praticamente forçando que Kaiser descesse do cavalo, foi quando o mesmo desembarcou do animal e entrou. No instante seguinte apareceram diversos indivíduos surgidos do interior da casa e dos fundos, os quais agarraram Kaiser pelos braços e pelo corpo, desarmando-o. Baroni, que seguia mais à frente pelo leito onde seriam assentados os trilhos, cerca de 50 metros da casa de Zeca, estava acompanhado por Meneiro e Guilherme, posicionados ao lado do cargueiro, enquanto Lino seguia adiantando-se. (DIÁRIO DA TARDE, 29/10/1909; DIÁRIO DO PARANÁ, 29/10/1909; THOMÉ, 2009, p. 28).

Ouvindo vozes que vinham por de trás dele, Baroni voltou-se compreendendo em seguida que corria perigo e logo após ouviu os primeiros disparos de armas de fogo. De imediato saltou do animal e rolou na rampa da estrada sacando da arma para revidar quando percebeu que estavam em desvantagem, uma vez que o grupo de assaltantes era grande, logo, rolou pelo barranco do rio e permaneceu escondido. Os camaradas não resistiram a primeira

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

descarga e caíram mortos. Mesmo ferido no ombro, Lino correu perseguido pelos bandidos que com novos disparos balearam-no na perna. Os assaltantes chamaram por Baroni e como ele não atendeu, fizeram Kaiser busca-lo às margens do rio. Ao avistar Kaiser, Baroni voltou sendo levado para a casa de Vaccariano, que o perguntou cinicamente se estaria ferido. Ao responder que não, os assaltantes passaram a revista-lo tirando-lhe as chaves das malas. Baroni pediu para que Vaccariano não extraviasse os documentos, obtendo a resposta de que o interesse era apenas pelo dinheiro. Neste momento alguns membros do grupo de assaltantes se aproximaram sugerindo que o melhor a fazer seria mata-lo. Vaccariano no entanto respondeu negativamente ao ato, uma vez que teria dado a palavra de honra à Kaiser, de que pouparia a vida do pagador. Em seguida, o chefe do grupo ordenou que a dupla responsável pelo pagador seguisse estrada à fora e que só retornassem ao final do dia, sendo escoltados pelo bando até certa altura. Kaiser e Baroni obedeceram às ordens e permaneceram no Km 157 até o fim da tarde, quando regressaram para a 2ª Residência (DIÁRIO DA TARDE, 29/10/1909; DIÁRIO DO PARANÁ, 29/10/1909; THOMÉ, 2009, p. 28).

Uma declaração dada à imprensa de Ponta Grossa por um trabalhador que acompanhou ao caso, oferece versão diferente ao atentado criminoso. Segundo o relato, na véspera do atentado contra o trem pagador, na noite de sábado, Baroni e o grupo de pagadores da EFSRS, incluindo dois fiéis camaradas, decidiram pernoitar na casa de Ernesto Kaiser, engenheiro residente da 2ª Divisão. No dia seguinte, a comitiva tomou chá às sete horas da manhã e na companhia de um engenheiro e de Lino Ferreira, o qual era um dos camaradas, seguiram linha abaixo, na direção de Uruguay (nome da última estação ferroviária no estado catarinense), quando depois de mais de uma hora de viagem, foram surpreendidos por uma descarga feita da mata que atingiu Menerio derrubando-o fulminado, deixando Guilherme e Lino Ferreira, feridos. Novos disparos foram feitos em direção de Guilherme que também foi atacado à faca e assassinado. Mesmo ferido, Lino procurou salvação e tentou correr pela mata e mesmo sendo perseguido conseguiu escapar. Em seguida, Vaccariano fecha o cerco e aprisiona Baroni e Kaiser arrancando deles as armas e tudo o que tinham. O grupo de bandidos leva o cargueiro que transportava o dinheiro tocado à galope para um local conhecido como Gramados. Baroni e Kaiser foram à diante, no local onde existia um arranchamento de turmas e funcionava a venda e moradia de Zeca. Tão logo recebeu a notícia, o chefe de turma reuniu os trabalhadores e partiu em busca dos cadáveres.

Revoltados, os trabalhadores atacaram as moradias incendiando os ranchos onde moravam os envolvidos no atentado. Durante a noite, enquanto os corpos eram velados, seis dos integrantes do grupo se aproximaram do arranchamento, mas ao verem os ranchos queimados como sinal de represália, fugiram do local (DIÁRIO DA TARDE, 27/10/1909).

A emboscada de Zeca Vaccariano e um numeroso grupo de homens garantiu a posse de um expressivo volume de dinheiro, considerado até a atualidade como um saque recorde, valor que no período representava 15% da arrecadação anual do tesouro estadual. No interior da atual cidade de Pinheiro Preto-SC, uma cruz erguida às margens da ferrovia faz homenagem aos seguranças Lino Ferreira, Menezes e Guilherme, mortos na emboscada. Com a fuga dos salteadores a partir do ocorrido, o líder Vaccariano passou a ser convencionado historicamente como um bandido lendário (PRIMEIRO 2012-2013; THOMÉ, 2009).

Retomando a discussão teórica de Rocha (2020a), em linhas gerais é possível destacar ao menos quatro possibilidades de enfoque para o banditismo e seus principais autores para o estudo da referida categoria: a) o banditismo na condição de expoente da rebeldia social nas comunidades (HOBSBAWM, 2015); b) o banditismo político ou o modelo mais atrelado a elite local (BLOK, 1972); c) o bandido guerrilheiro, com atuação em locais de disputas entre nações ou grupos internos (VANDERWOOD, 1992); e d) o banditismo como maneira de adaptação em locais de transformação social (SINGELMANN, 1975). Para o pesquisador, tais conceitos constituem-se como importantes possibilidades de abordagens não excludentes, que contribuem na análise de casos específicos, o que nos fornece elementos para dialogarmos sobre o caso em específico deste trabalho, uma vez que é possível observar a essência da atuação do sujeito Vaccariano a partir de elementos que o conectam ao banditismo político, dado ao fato das relações construídas com líderes coronelistas locais.

Para ampliar a compreensão sobre banditismo ou heroísmo, passaremos a dialogar com o conjunto de autores e teorias que ajudam esclarecer tal entendimento no caso em tela. Inicialmente, nos valeremos de Hobsbawm (1970, p. 28), que sistematiza tal contexto pontuando que “um homem se torna bandido porque faz alguma coisa que não é considerada como um crime pelas convenções de sua localidade, mas que o é pelo Estado e pelas normas locais”. Para promover uma diferenciação, o autor evidencia três perfis de bandidos sociais: o “*bandido nobre*”, modelado em Robin Hood; os “*guerrilheiros Haiduks*”; e o “*vingador*”, tendo Lampião como referência. Estas formas diferenciam-se conforme as regiões em que o

Banditismo Social teve o seu desenvolvimento. O autor menciona ainda a notoriedade assumida pelos agentes do banditismo social, incluindo a influência de elementos como as crises políticas e econômicas da região, contextos ligados as estruturas do poder local e o domínio dos proprietários. Tais condições, evidenciam os movimentos camponeses como uma das formas de expressão de descontentamento, com inclinações para movimentos revolucionários, a depender dos fatores externos envolvidos. Estas circunstâncias relacionam-se com crises de natureza estrutural, que podem ser provocadas por desastres naturais ou por fenômenos irreversíveis, como a evolução do capitalismo. Conforme versa Hobsbawm (1970), é nestas condições que o Banditismo Social conecta-se aos movimentos revolucionários ou passa a aceitar a liderança de líderes revolucionários (ROCHA, 2020a).

Contudo, categorizar o contexto biográfico de Zeca Vaccariano propondo um enquadramento de maior assertividade, passa necessariamente pelo entendimento daquilo que vimos versando desde o princípio deste artigo. Notadamente em um primeiro momento é possível entender que a tentativa do uso da terra, a busca pelas possibilidades da existência econômica pela extração da erva e em um terceiro momento o inconformismo pelas causas sociais e os próprios aspectos da violência das Fronteiras Sul-Brasileiras, misturado ao ímpeto de ex-combatente e a valentia inerente as afirmações humanas no ambiente hostil da construção da EFSPRS, manifestaram seus efeitos sobre as condições psicossociais do personagem. Entretanto, é preciso considerar ainda o contexto vindouro ao passo que observa-se um modelo de banditismo franqueado muito mais ao atendimento das demandas políticas que sociais. Há ainda que se discorrer que o processo de transformações ocorridos no Brasil, especialmente no Sul do país, congrega um modelo de ordem mundial, acontecendo em espaços, tempos e formas distintas. As transformações de ordem econômica, política e cultural que aconteceram no Brasil. De acordo com os preceitos de Rocha (2020a), a analogia entre a economia moral dos pobres europeus com a condição de vida dos camponeses do Sul do Brasil pode ser constituída inicialmente pela perspectiva econômica, seguida pela perspectiva cultural. Observada pelo aspecto econômico, atendo-se para a predominância dos ciclos do gado e da erva-mate entre meados do século XIX estendendo-se para a segunda década do século XX, é fundamental compreender, conforme amplamente versado do primeiro item do capítulo anterior, que essas atividades de tropeirismo e extração ervateira convergiam de certa

forma para nomadismo que condicionava um modo de vida que aproximava-se ao contexto da economia moral versada por Thompson (1998).

De acordo com relatos de Hobsbawm (1976; 2017), a passagem para o capitalismo agrário não ocorre em um momento histórico específico e depende do momento em que é gerada tal transição. Nos países desenvolvidos, a transição se deu no século XVIII, ao passo que na América Latina, no século XX. O exato momento de início do Banditismo Social pode não estar muito bem configurado, mas está conectado à dissociação da sociedade tribal ou à extrusão da sociedade familiar. Notadamente o Banditismo Social pode incidir sobre a difusão do capitalismo industrial e com o processo de consolidação do Estado Nacional, uma vez relacionando-se à emergência das classes, e da luta de classes as quais dão uma nova orientação às lutas dos camponeses (FERRERAS, 2003; CARVALHO DA SILVA, 2012).

Desde o instante em que Hobsbawm (1976; 2017) estabeleceu a aproximação dele sobre o Banditismo Social, o autor sofreu uma série de críticas sinalizando certas dificuldades. Um incisivo questionamento veio de Anton Blok (1972), especialista neste contexto, que no início da década de 1970, apresentou as deficiências existentes no modelo de Hobsbawm que concebia o banditismo como “social” e as facilidades a que foram submetidos os casos escolhidos para compor o modelo. Blok (1972) partiu das suas pesquisas pessoais direcionadas ao banditismo para dizer que Hobsbawm, recorria a excessivas generalizações nas análises. O modelo de fontes usadas levaria implícita uma avaliação positiva do referido fenômeno, romantizado pelos camponeses e por certo número de pesquisadores. Outra inquirição se refere ao interesse pelo protesto social antes que pelos casos em si. Isto acabaria silenciando outros aspectos da relação camponeses-bandidos, como o uso da violência contra os próprios camponeses. As referências e o mito centralizam-se na análise de Hobsbawm (1976-2017) e ambos são discutidos por Blok. O autor assegurou que o Banditismo Social foi por diversos momentos um banditismo “anti-social”, ao passo que os camponeses foram diversas vezes vítimas dos referidos bandidos, preocupados prioritariamente em atender a seus vínculos com os poderosos locais do que efetivamente com a causa camponesa (BLOK, 1972). O autor promoveu uma agenda temática para aprofundar tais estudos optando pelos casos em vez do modelo. Para isto sugeriu analisar o mundo rural como um todo, a fim de compreender as relações sociais existentes, o que tornaria mais compreensível a opção pelo banditismo. Anton Blok (1972) adverte para as limitações presentes no Banditismo Social

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

para a construção de formas coletivas de protesto em virtude das probabilidades abertas a partir da carreira solo (BLOK, 1972). Hobsbawm (1976; 2017), no entanto, compreendeu que as críticas de Blok não maculavam o modelo dele. Em razão das críticas realizadas por Blok (1972) de fato Hobsbawm (1976-2017) asseverou que o mito do Banditismo Social tinha que ser avaliado, o que não mudava drasticamente a posição dele.

Hobsbawm (1976; 2017) manteve-se como a principal referência para estudos posteriores. A influência de suas hipóteses tem se apresentado irresistível para as gerações seguintes de historiadores. Após alguns trabalhos que seguiram à risca as suas análises, surgiram algumas críticas em periódicos especializados, uma destas pesquisas pode ser considerada como de transição. Trata-se da publicação de Peter Singelmann (1991), em que um artigo referente ao cangaceirismo como Banditismo Social com implicações políticas do cangaceirismo, por esta razão analisou a vasta bibliografia sobre o coronelismo como sistema político e o cangaceirismo como um formato oposicionista ao mesmo (SINGELMANN, 1991). Ao mesmo tempo, ele próprio estabeleceu uma continuidade entre cangaceirismo e coronelismo, como uma via de mão dupla, tanto pela rota da ascensão social, quanto no caminho à oposição política, tencionado pela mudança das correntes políticas nacionais ou regionais. As críticas mais contundentes surgiram poucos anos depois com as pesquisas de um outro grupo de historiadores. O livro sugestivamente intitulado em inglês, *Bandidos*, em referência ao *Bandits* de Hobsbawm, publicado em 1987, mesmo que na condição interpretativa de suas propostas, garantiu ao autor a conquista referencial referência para este grupo de estudo. Richard Slatta (1991) aceitou as dificuldades de lidar com o mito e já na introdução da obra sinalizou duas questões que mostravam importante diferença da proposta de Hobsbawm: as fontes e o significado das classes médias na construção do mito do banditismo. Sobre a primeira questão, a obra nos oferece uma renovação considerável, trazendo à superfície o material produzido pelas polícias regionais e pelo poder judiciário na perseguição aos bandidos. No que tange à segunda ponderação, a preocupação debruçou-se nas interpretações que as classes médias urbanas lançaram sobre o Banditismo Social. A construção textual da obra baseou-se na diversidade do Banditismo Social na América Latina, evidenciando os bandidos do México do século XIX, o cangaceirismo no nordeste do Brasil, o banditismo rural na Argentina e Venezuela e as relações entre banditismo e comunidades camponesas das regiões andinas. A obra apresenta ainda outras aproximações como as

recriações que Hollywood realizou dos bandidos e os estudos realizados pelos criminalistas latino-americanos. Nas conclusões da obra, Slatta (1991) afirma que é impossível falar de Banditismo Social na América Latina de forma romantizada. Estas afirmações resultam da comprovação de uma das premissas de Blok (1972), referente as relações existentes entre os bandidos e as elites rurais regionais as quais dificultam decisivamente a probabilidade de que o bandido se torne um herói do povo ou um defensor dos pobres (SLATTA, 1991). Na compreensão de Slatta (1991), seria necessário utilizar outra nomenclatura, como “bandidos guerrilheiros” ou “banditismo político”.

Assim, o banditismo não seria um movimento pré-político, e sim um grupo com objetivos contundentes, podendo ou não estar preparados para transformar a sociedade. Entre os motivos estariam a luta contra a opressão, mas principalmente pela obtenção de benefícios pessoais. Os bandidos sociais certamente estariam objetivando benesses a eles próprios e alguns chegariam a ser reintegrados na sociedade sem grandes consequências de aceitação. As desconstruções inerentes ao Banditismo Social como o compartilhamento dos roubos entre os camponeses, seriam acionadas pelas necessidades dos bandidos antes de ser considerado um ato de reparação (FERRERAS, 2003). Os apontamentos até aqui apresentados elucidam diversas questões do que veremos em seguida sobre o contexto do atentado contra o pagador no Contestado catarinense.

Ao estudar o contexto do Banditismo Social no Sul do Brasil, Rocha (2020a) contribui com o que já vem sendo construído. Para o autor, os bandidos sociais seriam uma correspondência mais afeita ao ideário de luta de classes sem classes. Nesta perspectiva, o tarefeiro Zeca Vaccariano assaltou o trem pagador da colonizadora expropriadora, mas a motivação por traz do crime assentou-se principalmente em apossar-se do dinheiro de que ele precisava. O autor ressalta ainda que tanto Zeca, quanto os já citados Paco e Santa Cruz, agiram também em favor dos poderosos locais (THOMÉ, 2009; LONDERO, 2011; COLODEL, 1998, ROCHA, 2020a). Em outra linha proposta pelo autor, se faz necessário reluzir o conceito de intrusos a trazer o caso de Minho Flores, o qual revoltou-se em razão da limitação dos ervais para extração (ROCHA, 2020a; NASCIMENTO, 2015). Já Gaudêncio, por sua vez, embora egresso da Revolução Federalista, manteve reivindicação de terras para a agricultura, não procurando mudanças políticas (ROCHA, 2020a; BALDIN, 2017). O nome de Capitão Belo e a inferência o Bando do João Inácio, é tratada sob o ponto dos reflexos da

colonização da *Jewish Colonization Association (ICA)* corroborando com a ideia de “intrusão” (ROCHA, 2020a GRITTI, 2013; TEDESCO; CARON, 2012).

Revela Rocha (2020a), que a perspectiva da luta de classes sem de classes favorece a compreensão da natureza dos movimentos. A ressalva que necessita ser feita, segundo o autor, é que não se trata de ações alienadas, atrasadas ou “pré-políticas” como definida por Quijano (2000), ao passo que se retoma a concepção thompsoniana de “economia moral” para caracterizar o modo de vida dos povos Sul-Brasileiros na época. Assim, é fundamental verificar a advertência feita por Thompson (1998, p. 152) o qual enseja que “embora essa economia moral não possa ser descrita como ‘política’ em nenhum sentido mais avançado, tampouco pode ser descrita como apolítica, pois supunha noções definidas, e apaixonadamente definidas, do bem estar comum”. Desta maneira, o conjunto de entendimentos até então apresentados, nos oferecem a oportunidade de empreendermos uma visão de maior amplitude sobre os feitos de Vaccariano na condição de objeto prioritário de análise, ao auferirmos uma categoria mais apropriada aos seus feitos do que essencialmente um Bandido Social, versado pelo conceito universal. Isto posto, concordamos com Rocha (2020a), ao definir Zeca Vaccariano como um bandido sem pertencimento ao ideário de lutas de classe, mesmo que envolto nela. Conforme já dito, estaria o personagem muito mais afeito ao atendimento das suas necessidades alinhadas com demandas da elite rural do coronelismo, do que decidido em promover qualquer vingança ou ação legítima em favor do social.

Corroborando com a insígnia textual que fundamentam o que viemos versando, podemos tomar como empréstimo o conceitual de Pericás (2010), quando da discordância do autor para aplicação conceitual de banditismo social para os casos alusivos ao cangaço. Nesta ocasião, o conceito de Hobsbawm sobre o Banditismo Social foi apresentado como questionável pela ausência elementar de fundamentos documentais ao quais comprovariam a teoria na tentativa de universalizar um esquema teórico (PERICÁS, 2010, p. 25). Observa o autor que o cangaço não encontra razões para ser encarado como um formato pré-político de protesto social, executado de maneira inconsciente (PERICÁS, 2010, p. 187-188). Para o autor, a maioria dos chefes cangaceiros, além ascender a partir de uma camada social privilegiada, tinham preferência em pactuar relações com as elites locais (PERICÁS, 2010, p. 33-35).

Retomando o caso em tela, modelo semelhante pode ser perfeitamente auferido a José Antônio de Oliveira, assaltante do trem pagador da EFSPRS. Muito provavelmente o caso assumiu tais dimensões por conta do montante do assalto: Para se ter uma noção aproximada do que o montante de 375:300\$000 (trezentos e setenta e cinco contos e trezentos réis) representava para o período, basta comparar com o orçamento geral do estado de Santa Catarina para 1911, que segundo Machado (2008), era de 2.000:300\$000 (dois mil contos de reis). Desta maneira podemos observar que a quantia levada se aproximava de 15% (quinze por cento) de toda a arrecadação catarinense. O valor era suficiente na primeira década do século passado para comprar 3.750 (três mil setecentos e cinquenta) lotes urbanos em áreas nobres no centro de Curitiba, que na edição do Diário da Tarde da capital paranaense de 2 de janeiro de 1911, eram oferecidos ao preço de 100\$000 (cem réis) (DIÁRIO DA TARDE 02/01/1911). Ao buscar um dimensionamento para a quantia, Thomé (2009) afirma que a quantia era de expressão para a época, valor suficiente para pagar o salário de pelo menos quatro mil trabalhadores braçais. As investigações levaram a descoberta de que os valores do assalto foram divididos entre os criminosos ainda no dia do crime, no “Passo do Tigre”, local para o qual o bando vacariano se dirigiu após o assalto. Ao longo da fase inquerital, observa-se que nenhum instante os coronéis Manoel Fabricio Vieira, Henrique Rupp ou Maximino de Moraes, foram inquiridos a depor, mesmo diante de indícios substanciais da participação de ambos (MATIELO, 2023).

Designado ao júri, finalmente Vaccariano foi levado à julgamento. O réu concordou em partes com a acusação. Já a defesa de Zeca apresentou uma única testemunha, o fazendeiro Irineu Cheis, o qual reiterou a linha argumentativa comumente evocada de que os operários de Vaccariano executaram o assalto a fim de receber o pagamento, e de que nenhuma disposição do contrário por parte de Zeca impediria a ação de seus camaradas (MORAES, 2020, p. 173; TRANSLADO APELAÇÃO CRIME JOÃO MARIANO, 1918; PROCESSO CRIME ZECA VACCARIANO, 1918, p. 25). A absolvição de Zeca Vaccariano por unanimidade em todo os quesitos, expõe segundo Moraes (2020), a designação ao Tribunal do Júri como fator decisivo para a absolvição. O autor argumenta que o júri era o setor do judiciário mais afeito a influências da política local. As manobras jurídicas executadas pelos advogados iam muito além do uso do poder político e econômico, adentrando à esfera da articulação das listas de jurados, fortemente influenciada por coronéis

que garantiam que os “sorteios” ocorressem na conivência dos interesses coronelísticos (MORAES, 2020, p. 173; PROCESSO CRIME ZECA VACCARIANO, 1918, p. 25).

Antigo aliado de coronéis locais, Vaccariano participou ativamente da Revolução Federalista (1983-1987) e mesmo na condição de foragido da justiça pelo assalto ao trem pagador, integrou as colunas de homens de José Cleto da Silva posicionando-se como liderança de luta pela criação do Estado das Missões, promovendo saques e instaurando o caos em diversos locais da região do Contestado (MORAES, 2020, p. 174; O DIA, 17/08/1917).

Com sucessivo fracasso da criação do Estado das Missões, tendo a primeira tentativa em 1910 e a dispersão do movimento separatista de 1917, Zeca Vaccariano, assume uma nova vida nas encostas do rio Uruguai, no Extremo Oeste Catarinense. Naquela região, Vaccariano inicia novas atividades econômicas com a criação de gado, extração de erva-mate e especialmente a retirada de madeiras, atuando com protagonismo na navegação balseira do rio Uruguai, o que lhe garantia prestígio social e novas possibilidades rendas as quais somavam-se com ações de contrabando com os *hermanos* argentinos (THOMÉ, 2009).

José Antônio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, temido pela valentia e especialmente, segundo Breves (1985), por ter assaltado o trem pagador, após ter se estabelecido nos Sertões do Oeste do estado, passou a desenvolver profundas relações com Fidêncio Mello, o qual se revelara correligionário político de Henrique Rupp Júnior, filho do coronel camponovense, Henrique Rupp, o qual também mantinha ligações com Vaccariano, segundo Oliveira Brito (2016), desde a chegada do ex-combatente ao estado de Santa Catarina.

É neste horizonte ao longo do emergente processo de colonização do Oeste catarinense e reconfiguração de poder governamental, que Zeca encontra as condições ideais para fixar-se na foz do rio das Antas, área estratégica onde mais tarde se originaria o povoado de Porto Feliz (atual município de Mondaí, SC) (KOELLEN, 1980; BREVES, 1985; THOMÉ, 2009).

Por longo período, Zeca Vaccariano, tomado como nome de referência na atividade balseira no rio Uruguai, profundo conhecedor do curso das águas e suas quedas e cachoeiras, manteve ajuda mútua com os colonizadores de Faulhaber (KOELLEN, 1980). Aproveitando-se do prestígio à ele auferido seja pelos negócios bem sucedidos, pelo temor das ações e especialmente pela conduta permeada pelos mais amplos conceitos do coronelismo, como “mandonismo”, “clientelismo”, “patrimonialismo”, “parentela” e “compadrio, versados na

segunda sessão do primeiro capítulo, José Antônio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, promove uma virada de chave na biografia (THOMÉ, 2009, p. 51 ; LEAL, 1980, p. 12-13; CARVALHO, 1985, p. 133-148). Como recompensa pela fidelidade aos interesses políticos do coronel Fiêncio Mello e o grupo de apoiadores, é alçado ao cargo de subdelegado, que representava o posto de delegado de polícia na região de Mondaí, jurisdição de Passo Bormann (atual município de Chapecó - SC) (THOMÉ, 2009; THOMÉ, 2012; PRIMEIRO, 2012-2013). A nomeação expedida por Hercílio Luz, reforçou os propósitos daquilo que Vaccariano sabia fazer de melhor: Exercer a força da lei, agora legalizada e combinada com as atividades econômicas. O distintivo de autoridade policial concorriam para uma outra especialidade do personagem, que envolvia derrubada da mata e a retirada de madeiras. Com grandes áreas de floresta virgem, pertencentes ao estado e as colonizadoras, o delegado Zeca reinou absoluto (KOELLN, 1.980; THOMÉ, 2012; PRIMEIRO, 2012-2013).

A biografia de Zeca Vaccariano ganha novos contornos a partir de maio de 1922, momento em que comitiva do pastor e colonizador Hermann Faulhaber aporta na margem catarinense do rio Uruguai, fundando o povoado de Porto Feliz (atual município de Mondaí - SC). Por longos períodos, a relação entre Vaccariano e o bando até certo ponto, revelou-se recíproco com o grupo de colonizadores alemães da comunidade recém fundada. Mas com o passar dos anos, Zeca revelou-se uma ameaça para a vila, ao passo que avançava sobre terras dedicadas à colonização e com o uso do cargo de delegado, legitimava suas ações de derrubada e escoamento de madeiras nobres pelas balsas do rio Uruguai (PRIMEIRO, 2013; MATIELO, 2023). Diante do cenário estabelecido, o grupo de colonizadores percebeu que uma ação violenta, não produziria o resultado desejado e após diversas discussões, tomou uma decisão diplomática: Ao invés do enfrentamento com Zeca, decidiram recompensá-lo em 100\$000 (cem contos de réis), pelos serviços prestados e decorrente destituição (KOELLN, 1.980, p. 38).

Vaccariano ainda teria permanecido por certo período na comunidade, mas a partir da destituição do personagem, os relatos tornam-se menos frequentes. Contudo da segunda metade da década de 1920 até os anos iniciais da década de 1930, José Antônio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, recebe diversas citações jornalísticas, especialmente sobre a atuação do personagem em episódios isolados dos acontecimentos revolucionários do período (MATIELO, 2023).

Os últimos dias da vida de Zeca Vaccariano, são cercados de mistérios e especulações, contudo, a versão mais aceita para o fim da vida do personagem, é apresentada por Oliveira Brito (2016), que afirma que Vaccariano teria tido o capítulo final de sua saga biográfica marcada pela enfermidade. Sentindo o peso da idade recaindo sobre os ombros, o então ex-combatente da Revolução Federalista, destemível executor do Assalto ao Trem Pagador, balseiro do Uruguai e ex-delegado de polícia, já com 67 anos de idade passaria a sentir a debilidade do tempo (OLIVEIRA BRITO, 2016).

Após ter acompanhado as forças regimentais da Revolução de 1930, até a cidade de Santo Ângelo, no Noroeste do Rio Grande do Sul, revela Oliveira Brito (2016), que Zeca Vaccariano hospeda-se em um hotel local e antes de partir para o combate no interior paulista, acabou falecendo na presença de alguns poucos amigos. Um inimaginável término de vida para um ex-combatente que foi da demonização pública com assaltante a glorificação do posto de delegado, tendo o fim da linha marca pela morte anônima.

Considerações Finais

No decurso desta produção, foi possível compreender a dinâmica social, econômica e cultural que levou José Antônio de Oliveira, O Zeca Vaccariano, a arquitetar e executar o assalto ao grupo de pagadores da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, em 24 de outubro de 1909. O episódio do assalto ao trem pagador, no entanto, não pode ser visto como um acontecimento isolado, devendo ser percebido a partir de um contexto complexo, no qual o período histórico, as questões geográficas, o cenário de transição política, transformação econômica e modernização e especialmente as forças políticas edificadas sobre os pilares do coronelismo e suas interfaces, somam elementos decisivos os quais concorreram para a deflagração do assalto.

Não podendo ser visto como um elemento desconexo do período, o assalto ao trem pagador, reúne subsídios suficientes para estabelecer-se como um episódio na órbita dos acontecimentos que integram a Guerra do Contestado (1912-1916), cujos desdobramentos, seguem na paralela da contenda deflagrada no território em litígio representando um destacado contributo na escalada para a violência do período.

Do ponto de vista da abordagem teórica empreendida neste trabalho, num primeiro olhar, o protagonista não reveste-se das características gerais que o definiriam como um mero bandido em essência, haja visto que desde os primeiros relatos, conserva atributos de um personagem que busca a coexistência econômica. Isso se mantém nas tentativas de estabelecer-se inicialmente como ervateiro, tendo em seguida o ofício de comerciante na então região de Rio das Pedras (atual município de Videira, SC) e em seguida como fornecedor de víveres para operários da EFSPRS. É assim que Vaccariano é alçado à tarefa das obras ferroviárias da Linha Sul, o que efetivamente requer uma percepção que extrapola a ingenuidade do senso comum e não por acaso firma-se como empreiteiro de uma audaciosa obra severamente caracterizada pela estruturação oligárquica mandonista.

Na medida em que imerge na região naquele contexto, observa-se que Zeca convenientemente vai assumindo um papel importante no quadro de relações de poder mediante o atendimento das demandas de grandes coronéis, tendo a maioria de suas ações as quais ganharam notoriedade na imprensa da época, vinculadas a figura do coronel Manoel Fabrício Vieira. Não por acaso Zeca foi atrelado quando do episódio do assalto, como sendo gente da família Vieira.

Muito embora na cultura oral, haja registros de feitos de bravura e valentia, oficialmente o único crime o qual oferece materialidade efetiva participação de Vaccariano, é propriamente o assalto ao trem pagador, ação criminosa da qual foi julgado e inocentado. Evidências que podem ser consultadas nos autos da fase de inquérito e pós-processual, demonstram inclusive que Zeca tentou atenuar os efeitos do crime do pagador poupando a vida do tesoureiro Henrique Baroni e do engenheiro Ernesto Kaiser. Mesmos sendo aceito como o mandante do crime, possivelmente Zeca entrou e saiu de cena naquele domingo sombrio, possivelmente sem ter disparado um tiro se quer.

Esse deslocamento conceitual culmina com o cargo de delegado de polícia conferido à Zeca Vaccariano, que aufere ao personagem central deste trabalho uma condição simbólica, fazendo do ex-combatente, assaltante do trem pagador, uma espécie de celebridade mítica dos sertões. Notadamente a indicação de Vaccariano ao cargo se deu em uma condição muito especial, proporcionada pela relação pentagonal, envolvendo o cel. Manoel Fabrício Vieira, à quem atendia prioritariamente e era sócio, o senador Gomes Pinheiro Machado, conselheiro pessoal, o qual enviou o próprio sobrinho, Salvador Carneiro Pinheiro, vulgo Dente de Ouro,

para integrar o grupo de Vaccariano, o coronel Henrique Rupp, o qual supostamente teria fornecido as armas para a emboscada do pagador, e por último Fidêncio Mello, que servia aos interesses de colonização a família Rupp, e se tornou sócio de Vaccariano nas atividades extrativistas no Oeste catarinense. Muito provavelmente, o posto de delegado de polícia, foi confiado a Zeca como uma espécie de recompensa pelos seus feitos, inclusive o assalto ao trem pagador, cuja divisão dos valores subtraídos continua uma incógnita perdida no espaço-tempo da história.

Para além dos conceitos até aqui apresentados sobre Banditismo Social, seja nas variantes guerrilheiro ou político ou mesmo num modelo híbrido que reúne ambos atributos, Zeca Vaccariano surge para a história em pleno início do século passado, estabelecendo novos elementos que podem contribuir para a origem de um novo exemplo de banditismo, caracterizado pela elevada exposição midiática, a ausência de concretude dos fatos e escalada da reprodução literal e oral de fatos lendários, os quais nem sempre se conectam com a realidade dos acontecimentos. Muito embora seja inegável que as ações de Zeca Vaccariano tenham concorrido para uma biografia marginalizada, a imagem criada ao longo da trajetória humana do personagem garante margem para a elevação de sua figura ao banditismo mítico, em que nem tudo o que tenha sido mencionado até aqui corresponda necessariamente a verdade, mas fruto do elementar conceito arquetípico de um personagem que foi além dos acontecimentos reais, tornando-se um mito indômito ao longo da história, mantendo uma conduta controvertida e paradoxal entre o típico fora-da-lei e o próprio agente da lei.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BLOK, A. **The peasant and the brigand**: Social Banditry reconsidered in: Comparative studies in Society and History. Cambridge: Cambridge University Press, v. 14, n. 4, September 1972.

BREVES, Wenceslau de Souza. **O Chapecó que eu conheci**. In: Boletim do IHGSC, n.6, 1985.

CARVALHO, J. M. de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo**: Uma Discussão Conceitual. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 229-250, 1997.

CARVALHO DA SILVA, Rafael Sancho. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica.** Resenha – Hist. R., Goiânia, v. 17, n. 2, p. 227-233, jul./dez. 2012.

COLODEL, Jose Augusto. **Obrages e companhias colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960.** Santa Helena: Prefeitura Municipal de Santa Helena, 1988.

Diário do Paraná, de Ponta Grossa, 01 de novembro de 1909; 29 de outubro de 1909.

Diário da Tarde, de Curitiba, 16 de março de 1908 a 31 de dezembro de 1908; 02 de janeiro de 1909 a 31 de dezembro de 1909; 01 de janeiro de 1910 a 31 de dezembro de 1910; 02 de janeiro de 1911.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado: Os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1.908 -1915).** Porto Alegre. 431 f. Tese (Doutorado em História). – Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

FERRERAS, Norberto O. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina.** História, São Paulo, 22 (2) 211-226, 2003.

GONZÁLEZ, P. J. J.. **Introducción al Bandolerismo.** Revista Innovación y experiencias educativas, Madrid, n. 15, p. 1-10, 2009.

GRITTI, Isabel Rosa. *As Companhias Colonizadoras e a Intrusão de Terras no Norte do Rio Grande do Sul: o caso da Fazenda Quatro Irmãos 1948-1950.* In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. Anais... Natal: ANPUH, 2013. p. 1-14.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976 (1ª ed. em inglês: 1969).

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos.** 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

HOBSBAWM, Eric. **Primitive Rebels: Studies in Archaic forms of Social Movements in the 19th. and 20th. Centuries.** Manchester, Manchester University Press, 1974 (1ª ed. em inglês: 1959).

HOBSBAWM, Eric. **Rebeldes Primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

KOELLN, Arno. **Porto Feliz.** A História de uma Colonização às Margens do Rio Uruguai. Mondáí - SC, 1980.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1980. (2ª ed. Alfa-Omega, 1975).

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: História e Memória. Campinas - SP: Editora Unicamp, 1994.

LEVI, Giovanni. “**Sobre a micro-história**” In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

LONDERO, Márcia. **Paco: um bandido social da Serra gaúcha**. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos; TEIXEIRA, Alex Niche; RUSSO, Maurício (Orgs.). Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2011. p. 151-171.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: A formação e Atuação das Chefias Caboclas (1912 – 1916). 1ª Ed. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2004.

MATIELO, Ernoi Luiz. **A Saga Indômita de Zeca Vaccariano: Muito Além do Assalto ao Trem Pagador**. Chapecó. 151 f. Dissertação (Mestrado em História). – Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal da Fronteira Sul, 2023.

MEIRINHO, J.. 1893-1894: **história e historiografia da revolução em Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Insular, 2009.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MORAES, João Felipe Alves. **Nas Entrelinhas Do Processo Judicial: O Assalto ao Trem Pagador**. Rede Contestado de educação, ciência e tecnologia [recurso eletrônico] / Organizador Eduardo do Nascimento. p. 166-174, – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

NASCIMENTO, José Antônio Moraes do. **A terra em disputa: câmara municipal versus juízes comissários**. História Unisinos, v. 19, n. 2, p. 229-241, maio/ago. 2015.

O Dia, de Florianópolis, 18 de fevereiro de 1917.

OLIVEIRA BRITO, Eloy de. **Um pouco da Minha Vida 1888-1988**. 1ª ed. Soledade, RS: Editora Sagrada Família, 2016.

OLIVEIRA BRITO, João R. de. **História, família, geração & poesia**. 1ª ed. Porto Alegre, RS: Imprensa Livre, 2009.

PEIXOTO, Dermeval. **A Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 3 v. (Coleção Farol do Saber).

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg (Org.). **Jornalismo Comparado: Um Dia na Imprensa Brasileira**. 1ª ed. Edifurb, 2016.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Cansaço, a Longa Estação**. 1ª ed. São Paulo – SP: Editora Boitempo, 2012.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo – SP: Editora Boitempo, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Federalista**. São Paulo – SP: Editora Brasiliense S.A., 1983.

PRIMEIRO Assalto ao Trem Pagador. Direção: Ernoy Mattiello. São Paulo: VMS Produções/Virtual Pictures, (2012 -2013). 1 Blu-ray (52 min.).

PRIORI, A. et al. **A Revolução Federalista e o cerco da Lapa**. In: PRIORI, A. et al. História do Paraná: séculos XIX e XX. Maringá, PR: Eduem, 2012. p. 23-33.

Processo crime Zeca Vaccariano nº 1521, Campos Novos, 1918. Arquivo da Casa de Cultura de Campos Novos.

QUIJANO, Aníbal. **Los movimientos campesinos contemporáneos en América Latina**. Revista OSAL, CLACSO, p. 171-180,2000.

REVEL, Jacques. **Microanálise e construção do social**. In: REVEL, Jacques (org.) Jogos de escalas. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FVG, 1998.

ROCHA, Humberto José da (Org.). **Bandidos, Milenários e Étnicos**: História dos Movimentos Sociais no Sul do Brasil (Séculos XIX-XX). 1ª ed. Passo Fundo – RS: Acervus Editora, 2020a.

ROCHA, Humberto José da. **Peculiaridades sobre o Banditismo Social no Sul do Brasil entre os séculos XIX E XX. XV**. Encontro Estadual de História AMPUH RS, História & Resistência – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS: 2020b.

SAINT CASSIA, P. Banditry. In: STEARNS, P. N. et al. **Encyclopedia of European social history from 1350 to 2000**. v. III. New York: Charles Scribner's Sons, 2001. p. 373-382.

SÊGA, R. A.. **Tempos Belicosos: a Revolução Federalista no Paraná**. 2ª ed. Curitiba, PR: Instituto Memória, 2008.

SCAPIN, Alzira. **Alzira Scapin: entrevista** [ago. 2012]. Entrevistador: Ernoy Mattiello. Videira,SC: Primeiro Assalto ao Trem Pagador, 2012. 1 sonora. Entrevista concedida ao Primeiro Assalto Ao Trem Pagador - Extras.

SCAPIN, Alzira. **Pinheiro Preto: sua história sua gente**. Pinheiro Preto, SC: Prefeitura Municipal, 1992.

SCAPIN, Alzira. **Videira nos Caminhos de sua História**. Videira, SC: Prefeitura Municipal, 1996.

SILVA, Cleto da. **ACCORDO Paraná – Santa Catarina ou O Contestado diante das carabinas**. Papelaria Globo – Rua 1º de Março, 15, CORITIBA, 1920.

SILVA, Cleto da. **Apontamentos históricos de União da Vitória, 1769-1933**. União da Vitória: Ed. do Autor, 1933.

SINGELMANN, P. **Establishing a Trail in the Labyrinth**. In: Latin American Research Review. New Mexico, University of New Mexico, v. XXVI, n. 1, 1991.

SINGELMANN, P. **Political structure and Social Banditry**. in Northeast Brazil. In: Journal of Latin American Studies. Cambridge: Cambridge University Press, v. 7, part 1, May 1975, pp. 59- 83

SLATTA, R. (Ed.). **Bandidos. The varieties of Latin American Banditry**. New York: Greenwood Press, 1987.

SLATTA, R. **Bandits and rural Social History: A comment on Joseph**. In: Latin American Research Review. New Mexico: University of New Mexico, v. XXVI, n. 1, 1991.

TEDESCO, João Carlos; CARON Marcia. **Intrusões no Alto Uruguai gaúcho –1927-29: o caso do “bando de João Inácio”**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 161-185, jan./jun. 2012.

THOMÉ, Nilson. **Nilson Thomé: entrevista** [ago. 2012]. Entrevistador: Ernoy Mattiello. Lages, SC: Primeiro Assalto ao Trem Pagador, 2012. 1 sonora. Entrevista concedida ao Primeiro Assalto Ao Trem Pagador - Extras.

THOMÉ, Nilson. **O Assalto ao Trem Pagador: quando Pinheiro Preto entrou para a História do Brasil**. Pinheiro Preto, SC: Edição do autor, 2009.

THOMÉ, Nilson. **O ciclo da Madeira**. Caçador, SC: Imprensa Universal, 1995.

THOMÉ, Nilson. **Trem de Ferro: A Ferrovia no Contestado**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Lunardelli, 1983.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



VII HISTÓRIA
EM
DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

Translado de Apelação crime João Mariano nº 1393, Campos Novos, 1918. Arquivo da Casa de Cultura de Campos Novos.

VAINFAS, Ronaldo. Micro-história: **Os protagonistas anônimos da história**. Rio de Janeiro - RJ: Campus, 2002.